

## A SANTA CEIA

Texto básico: 1 Coríntios 11.23-29

23 Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; 24 e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. 25 Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. 26 Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha. 27 Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. 28 Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; 29 pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si.

No terceiro domingo de março de 1557, o pastor Pierre Richier celebrou a primeira Santa Ceia no Brasil (e em todo o continente americano). A Santa Ceia foi ministrada em francês por um pastor calvinista francês, doutor em teologia. Aconteceu no Forte Coligny, na ilha de Villegaignon, na Baía de Guanabara, onde hoje fica a Escola Naval, ao lado do aeroporto Santos Dumont.

Foi usado o pão e o vinho, considerados símbolos do corpo e do sangue do Senhor (consubstanciação), sendo os dois emblemas entregues a todos os fiéis.

“Nos 57 anos compreendidos entre a primeira missa e a primeira Santa Ceia, a Europa foi sacudida pela Reforma Protestante. Richier era dois anos mais novo que João Calvino, de quem tinha sido aluno em Genebra e por quem fora enviado ao Rio de Janeiro para dar assistência aos huguenotes radicados no Brasil e para evangelizar os silvícolas que habitavam a região fluminense. A Santa Ceia reformada aconteceu quarenta anos depois da data histórica da Reforma (1517), 11 anos depois do início do Concílio de Trento (1545), no ano da morte de Catarina von Bora (viúva de Lutero) e 15 anos antes da triste Noite de São Bartolomeu (1572).

Tanto na instituição da Santa Ceia por Jesus em Jerusalém na noite da quinta-feira da semana da Paixão como na celebração de Pierre Richier no Rio de Janeiro, na manhã de domingo de 21 de março de 1557, havia um sinistro traidor, que, durante algum tempo, conseguiu se esconder. O primeiro chamava-se Judas, o Iscariotes; o segundo chamava-se Nicolau Durand de Villegaignon, vice-almirante e colonizador francês que fundou a França Antártica no Rio de Janeiro em 1555. Em outubro de 1557, sete meses depois de ter tomado a Santa Ceia ajoelhado sobre um coxim de veludo, Villegaignon expulsou os calvinistas da ilha de Serijipe (hoje Villegaignon) para o local chamado La Briqueterie (hoje Olaria). Menos de três meses depois (janeiro de 1558), o pastor Richier e outros genebrinos foram obrigados a voltar para a Europa. No mês seguinte (9 de fevereiro), o ex-comungante mandou estrangular e lançar na Baía de Guanabara os quatro signatários da Confissão Fluminense, uma confissão de fé reformada: Jean de Bourdel, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon e André la Fon. Por ser o único alfaiate dos franceses e por ter voltado atrás, André la Fon, na última hora, foi poupado. Os outros três tornaram-se os primeiros mártires evangélicos do continente. Foi Richier quem deu o nome “O Caim da América” a Villegaignon.

O 450º aniversário da primeira Santa Ceia realizada no Brasil e nas Américas foi celebrado no dia 24 de março de 2007 no auditório da Escola Naval, na Ilha de Villegaignon. Logo em seguida, inaugurou-se, na Praça Mattathias Gomes dos Santos, defronte à Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro, um monumento escultórico interativo dos pastores que celebraram a Santa Ceia de 1557 (Pierre Richier e Guillaume Chartier). A esta cerimônia e ao culto realizado em seguida, esteve presente o senhor José Alencar, vice-presidente da República.

Na mesma ocasião, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou um selo comemorativo e o Presbitério do Rio de Janeiro, em parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil, lançou uma edição comemorativa da Bíblia.”

### A nova aliança

Quando o filho de Deus, encarnou, sendo ele o Cristo, a substância, fez um pacto com os seus. Estabeleceu as ordenanças pelas quais este pacto é dispensado que são a pregação da palavra e a administração dos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor; por estas ordenanças, apenas duas (poucas em número) e administradas com grande simplicidade e pequena glória externa, o pacto é manifestado com maior plenitude, evidência e eficácia espiritual, a todas as nações, tanto aos judeus como aos gentios.

Este “Novo Testamento” ou “Nova Alença”, não é diferente do pacto já existente, chamado o pacto da graça. Não há, pois, dois pactos de graça diferentes em substância, mas um e o mesmo sob várias dispensações.

Col. 2:17; Mat. 28:19-2; I Cor. 11:23-25; Heb. 12:22-24; II Cor. 3:9-11; Luc. 2:32; Ef. 2:15-19; Luc. 22:20; Gal. 3:14-16; At. 15:1-2; Rom. 3:21-22, 30 e 4:16-17, e 23-24; Heb. 1:1-2.

A Ceia do Senhor é um sacramento.

Um sacramento é uma santa ordenança instituída por Cristo em sua Igreja, para significar, selar e conferir àqueles que estão em pacto da graça os benefícios da mediação de Cristo, para os fortalecer e lhes aumentar a fé em todas as mais graças, e os obrigar à obediência, para testemunhar e nutrir o seu amor e comunhão uns para com os outros, e para distingui-los dos que estão fora. (Mt 28:20; Rm 4:11; 1Co 11:24, 25; Rm 9:8; At 2:38; 1Co 11:24-26; Rm 6:4; ICo 12:13; ICo 10:21)

As partes de um sacramento são duas: uma, um sinal exterior e sensível usado segundo a própria instituição de Cristo, a outra, uma graça interior e espiritual significada pelo sinal.

A Ceia do Senhor, torna-se meio eficaz da (=/ de) salvação, não porque tenham qualquer poder em si, nem qualquer virtude derivada da piedade ou da intenção de quem o administra, mas unicamente pela operação do Espírito Santo e pela bênção de Cristo que os instituiu. (I Pe 3:21; At 8:13, 23; ICo 3:7; ICo 6:11).

Jesus Cristo instituiu os dois sacramentos: o batismo e a ceia do Senhor.

O batismo é um sacramento do Novo Testamento no qual Cristo ordenou a lavagem com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para ser um sinal e selo de nos unir a si mesmo, da remissão de pecados pelo seu sangue e da regeneração pelo seu Espírito; da adoção e ressurreição para a vida eterna; e por ele os batizados são solenemente admitidos à Igreja visível e entram em um comprometimento público, professando pertencer inteira e unicamente ao Senhor.

Mt 28:19; Gl 3:27; Rm 6:3; At 22:16; Mc 1:4; Jo 3:5; Gl 3:26-27; 1Co 15:29; At 2:41; Rm 6:4.

A Ceia do Senhor é um sacramento do Novo Testamento no qual, dando-se e recebendo-se pão e vinho, conforme a instituição de Jesus Cristo, é anunciada a sua morte; e os que dignamente participam dele, alimentam-se do corpo e do sangue de Cristo para sua nutrição espiritual e crescimento na graça; têm a sua união e comunhão com ele confirmadas; testemunham e renovam a sua gratidão e consagração a Deus e o seu mútuo amor uns para com os outros, como membros do mesmo corpo místico.

1Co 11:26; Mt 26:26, 27; 1Co 11:23-27; 1Co 10:16-21.

A Ceia do Senhor é a sucessora da páscoa.

Assim como o batismo é o sucessor da circuncisão, a ceia do Senhor é a sucessora da páscoa.

Quando Deus chamou Abraão para servi-lo, fez-lhe várias promessas:

“... de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção: abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.1,3).

Mais tarde, Jacó, a quem Deus dera o nome de Israel, neto de Abraão, com sua família, foi para o Egito. Eram apenas setenta pessoas (Gn 46.27) “Mas os filhos de Israel foram fecundos, aumentaram muito e se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram; de maneira que a terra se encheu deles” (Ex 1.7). E o rei, Faraó, resolveu escravizá-los.

Quando Deus ordenou a Moisés que retirasse os israelitas do Egito e os conduzisse para Canaã, o rei se opôs. Não queria perder a mão de obra gratuita. Então Deus mandou uma série de pragas sobre o Egito. A última delas foi a morte dos primogênitos. “Moisés disse: Assim diz o SENHOR: Cerca da meia-noite passarei pelo meio do Egito. E todo primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito de Faraó, que se assenta no seu trono, até ao primogênito da serva que está junto à mó, e todo primogênito dos animais. Haverá grande clamor em toda a terra do Egito, qual nunca houve, nem haverá jamais; porém contra nenhum dos filhos de Israel, desde os homens até aos animais, nem ainda um cão rosará, para que saibais que o SENHOR fez distinção entre os egípcios e os israelitas” (Ex 11.4-7).

Os israelitas deviam sacrificar um cordeiro sem defeito, macho de um ano, e, com o seu sangue, marcar as ombreiras e a verga da porta de sua casa. Cada família devia sacrificar um cordeiro. Se a família fosse pequena, podia convidar o vizinho mais próximo.

O que Deus prometeu realmente se cumpriu. “Aconteceu que, à meia noite, feriu o SENHOR todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se assentava no seu trono, até o primogênito do cativo que estava na enxovia; e todos os primogênitos dos animais.

Não havia casa em que não houvesse morto” (Ex 12.29,30). Mas na casa dos israelitas nada acontecera, nem o rosnar de um cão.

Deus deu a este acontecimento o nome de páscoa (pesah em hebraico, que vem de um verbo que significa “passar por cima”, “poupar”). E ordenou que ela fosse comemorada todos os anos. “Páscoa significa, naturalmente, duas coisas: o acontecimento histórico e sua posterior comemoração repetida”(2). Mas a páscoa tem ainda um terceiro significado: o cordeiro sacrificado era um tipo de Jesus Cristo, “nosso Cordeiro pascal” (1 Co 5.7). Assim como o sangue do cordeiro livrou os primogênitos dos israelitas da morte, o sangue de Jesus, “nosso Cordeiro pascal”, nos livra da morte eterna, da condenação ao inferno.

Lucas registra que Jesus, aos doze anos de idade, participou da comemoração da páscoa, em Jerusalém, em companhia de seus pais (Lc 2.41-50). Provavelmente esta participação se repetiu durante toda a vida terrena de Jesus.

Quando Jesus, completa 30 anos, e comemora a páscoa, no dia 14 de abril de 29 D.C. na quinta-feira, provavelmente. A páscoa era comemorada com o sacrifício do cordeiro, com os pães asmos (sem fermento) e mais quatro elementos: a) uma taça de água salgada, para lembrar as lágrimas derramadas no Egito e as águas salgadas do Mar Vermelho, que os israelitas atravessaram sem mlhar os pés; b) várias ervas amargas, para recordar a amargura da escravidão e o hissopo usado para borrifar o sangue do cordeiro nas ombreiras e na verga da porta da casa dos israelitas, quando Deus mandou a praga da morte dos primogênitos; c) uma massa feita de maçã, romã, tâmara e nozes, chamada carosheth, para recordar o barro que usavam no Egito para fazer tijolos; pedaços de casca de canela eram colocados na sopa para lembrar a palha que usavam para secar e queimar os tijolos; d) quatro copos de vinho, para recordar-lhes as quatro promessas registradas em Êxodo 6.6,7. Durante a celebração cantavam os Salmos 113 a 118 e, para encerrar, o Salmo 136.

Naquela noite, Jesus celebrou a páscoa pela última vez e instituiu a Santa Ceia. Está escrito: “Enquanto comiam, tomou Jesus um pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da (nova) aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mt 26.26-28).

A páscoa lembrava a libertação da escravidão no Egito e aos mesmo tempo era a prefiguração do sacrifício do Messias. Mas o futuro tinha chegado. Jesus seria sacrificado no dia seguinte, como “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). Seria estabelecida uma nova aliança entre Deus e seu povo, onde os laços de sangue seriam substituídos por laços de fé. Na antiga aliança o povo de Deus era constituído pelos descendentes de Abraão; na nova aliança, é constituído por todos aqueles que recebem Jesus como Salvador e Senhor (Jo 1.11,12; Gl 3.7-9).

Portanto, era necessário substituir a páscoa por uma celebração que representasse a nova situação. E, por isto, Jesus instituiu a Santa Ceia.

Marcos 14:12 – “E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal, disseram-lhe seus discípulos: Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa?”

I Coríntios 5:7 – “...Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado.”

## Simbolos de fé

### Catecismo Maior de Westminster

169. Como ordenou Cristo que o pão e o vinho fossem dados e recebidos no sacramento da Ceia do Senhor?

Cristo ordenou que os ministros da Palavra, na administração deste sacramento da Ceia do Senhor, separassem o pão e o vinho do uso comum pela palavra da instituição, ações de graça e oração; que tomassem e partissem o pão e dessem, tanto este como o vinho, aos comungantes, os quais, pela mesma instituição, devem tomar e comer o pão e beber o vinho, em grata recordação de que o corpo de Cristo foi partido e dado, e o seu sangue derramado em favor deles.

Mc 14.22-24.

170. Como se alimentam do corpo e do sangue de Cristo os que dignamente participam da Ceia do Senhor?

Desde que o corpo e o sangue de Cristo não estão nem corporal, nem carnalmente, presentes no, com ou sob o pão e o vinho na Ceia do Senhor, mas, sim, espiritualmente à fé do comungante, não menos verdadeira e realmente do que estão os mesmos elementos aos seus sentidos exteriores, assim os que dignamente participam do sacramento da Ceia do Senhor se alimentam do corpo e do sangue de Cristo, não de uma maneira corporal e carnal, mas espiritual, contudo verdadeira e realmente, visto que pela fé recebem e aplicam a si mesmos o Cristo crucificado e todos os benefícios de sua morte.

At 3.21; Gl 3.1; Hb 11.1; Jo 6.51, 53; 1Co 10.16.

171. Os que recebem o sacramento da Ceia do Senhor, como devem preparar-se para o receber?

Os que recebem o sacramento da Ceia do Senhor devem preparar-se para o receber, examinando-se a si mesmos, se estão em Cristo, a respeito de seus pecados e necessidades, da verdade e medida de seu conhecimento, fé, arrependimento e amor para com Deus e para com os irmãos; da caridade para com todos os homens, perdoados aos que lhes têm feito mal; de seus desejos de ter Cristo e de sua nova obediência, renovando o exercício destas graças pela meditação séria e pela oração fervorosa.

1Co 11.28; 2Co 13.5; 1Co 5.7; Êx 12.15; 1Co 11.29; 2Co 13.5; 1Co 10.17; 1Co 5.8; 1Co 11.18, 20; Mt 5.23, 24; Jo 7.37; Is 55.1; 1Co 5.8; Hb 10.21, 22, 24; 1Co 11.24; 2Co 30.18, 19.

172. Uma pessoa que duvida de que esteja em Cristo, ou de que esteja convenientemente preparada, pode chegar-se à Ceia do Senhor?

Uma pessoa que duvida de que esteja em Cristo, ou de que esteja convenientemente preparada para participar do sacramento da Ceia do Senhor, pode ter um verdadeiro interesse em Cristo, embora não tenha ainda a certeza disto; mas aos olhos de Deus o tem, se está devidamente tocada pelo receio da falta desse interesse, e sem fingimento deseja ser achada em Cristo e apartar-se da iniquidade. Neste caso, desde que as promessas são feitas, e este sacramento é ordenado para o alívio dos cristãos fracos e que estão em dúvida, deve lamentar a sua incredulidade e esforçar-se para ter as suas dúvidas dissipadas, e, assim fazendo, pode e deve chegar-se à Ceia do Senhor para ficar mais fortalecida.

Is 54.7, 8, 10; Is 50.10; Mt 5.3, 4; Sl 31.22; Sl 42.11; 2Tm 2.19; Rm 7.24, 25; Mt 26.28; Mt 11.28; Is 40.11, 29, 31; Mc 9.24; At 16.30; 1Co 11.28.

173. Alguém que professa a fé, e deseja participar da Ceia do Senhor, pode ser excluído dela?

Os que forem achados ignorantes ou escandalosos, não obstante a sua profissão de fé e o desejo de participar da Ceia do Senhor, podem e devem ser excluídos desse sacramento, pelo poder que Cristo legou à sua Igreja, até que recebam instrução e manifestem mudança.

1Co 11.29; 1Co 5.11; Mt 7.6; 1Co 5.3-5; 2Co 2.5-8.

174. Que se exige dos que recebem o sacramento da Ceia do Senhor, na ocasião de sua celebração?

Exige-se dos que recebem o sacramento da Ceia do Senhor que, durante a sua celebração, esperem em Deus, nessa ordenança, com toda a santa reverência e atenção; que diligentemente observem os elementos e os atos sacramentais; que atentamente discriminem o corpo do Senhor, e, cheios de amor, meditem na sua morte e sofrimentos, e assim se despertem para um vigoroso exercício das suas graças, julgando-se a si mesmos e entristecendo-se pelo pecado, tendo fome e sede ardentes de Cristo, alimentando-se nele pela fé, recebendo da sua plenitude, confiando nos seus méritos, regozijando-se no seu amor, sendo gratos pela sua graça e renovando o pacto que fizeram com Deus e o amor a todos os santos.

1Co 11.29; Lc 22.19; 1Co 11.31; Zc 12.10, Sl 63.1; Gl 2.20; Jo 6.35; Jo 1.16; Fp 3.9; 1Pe 1.8; 2Cr 30.21; Sl 22.26; 1Co 10.17.

175. Qual é o dever dos crentes depois de receberem o sacramento da Ceia do Senhor?

O dever dos crentes, depois de receberem o sacramento da Ceia do Senhor, é o de seriamente considerar como se portaram nele, e com que proveito; se foram vivificados e confortados; devem bendizer a Deus por isto, pedir a continuação do mesmo, vigiar contra a reincidência, cumprir seus votos e animar-se a atender sempre a esta ordenança; se não acharem, porém, nenhum benefício, deverão refletir novamente, e com mais cuidado, na sua preparação para este sacramento e no comportamento que tiverem na ocasião, podendo, em uma e outra coisa, aprovar-se diante de Deus e de suas próprias consciências, esperando com o tempo o fruto de sua participação; se perceberem, porém, que nessas coisas foram remissos, deverão humilhar-se, e para o futuro participar desta ordenança com mais cuidado e diligência.

1Co 11.17, 30, 31; 2Co 2.14; At 2.42, 46, 47; 1Co 10.12; 1Co 11.25, 26; Sl 27.4; Sl 77.6; Sl 77.6; Sl 123.1, 2; Os 14.2; 2Co 7.11; 1Cr 15.12-14.

#### A PRESENÇA DE JESUS NOS ELEMENTOS DA CEIA

As palavras de Jesus “isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue” têm sido interpretadas de quatro maneiras diferentes.

a) A Igreja Católica Romana afirma que, mediante a consagração dos elementos, pelo sacerdote, a substância do pão (hóstia) se transforma em corpo de Cristo, e a substância do vinho se transforma em sangue de Jesus. Por isso, esta doutrina é chamada transubstanciação.

b) Os Luteranos e afins rejeitaram a transubstanciação. Entendem que o pão continua sendo pão e o vinho continua sendo vinho. Mas, junto com as substâncias do pão e do vinho estão, no ato da celebração, as substâncias da carne e do sangue de Jesus. Por isso essa doutrina é chamada consubstanciação.

c) Zwinglio rejeitou a transubstanciação e a consubstanciação. Para ele a ceia é um memorial do que Cristo fez pelos pecadores e um ato de reafirmação de fé do participante. Esta doutrina chama-se memorial. É a doutrina adotada pela maioria das Igrejas Batistas e pentecostais.

d) Calvino, embora herdeiro do movimento de reforma iniciado por Zwinglio, não concordou com a interpretação memorial. Para ele o pão e o vinho não se transformam em outra substância, como afirma a transubstanciação. A substância do corpo e do sangue de Jesus não se soma à substância do pão e do vinho, como interpreta a consubstanciação. Mas, também, a ceia não é um simples memorial. Jesus está presente espiritualmente no pão e no vinho. Esta presença espiritual é tão real como o pão e o vinho. Por isto, ao participar do pão e do vinho, o crente participa espiritualmente do corpo e do sangue de Jesus. E assim como pão e vinho alimentam o corpo, a presença espiritual de Jesus nos elementos da ceia alimenta espiritualmente o participante. Esta é a doutrina aceita pela Igreja Presbiteriana.

## CONCLUSÃO

A ceia do Senhor é um meio de graça, isto é, um meio que Deus usa para nos nutrir e fortalecer espiritualmente. Por isto, devemos participar dela regularmente. Na antiga aliança, o israelita que deixasse de participar da páscoa, sem justificativa, era eliminado do povo de Deus (Nm 9.13). Na nova aliança, o crente que deixa de participar da ceia do Senhor, sem justificativa, está fechando um canal de bênçãos para a sua vida e se aniquilando espiritualmente.

Mas não basta participar, é necessário também que a participação seja correta. O apóstolo Paulo escreveu aos coríntios que a causa de existir entre eles “muitos fracos e doentes” (1 Co 11.30) era a falta de discernimento na participação da ceia do Senhor. O crente deve examinar-se a si mesmo, preparar-se e participar da ceia do Senhor. Quem se examina e deixa de se preparar e de participar, está negando o Senhor Jesus Cristo; está dizendo sim ao seu pecado e não a Cristo.

Os dois sacramentos instituídos por Jesus Cristo - o batismo e a ceia do Senhor - são sinais e selos do pacto da graça. Eles são, também, o instrumento que Deus usa para fazer uma diferença visível entre os que pertencem à igreja e os de fora. Por isto, os que são de Cristo devem receber o batismo e participar regularmente da ceia do Senhor.

## CITAÇÕES

(1) Manford George Gutzke - PALAVRAS CHAVES DA FÉ CRISTÃ - p. 244

(2) NOVO DICIONÁRIO DA BÍBLIA - p. 1206

(3) Adão Carlos Nascimento - A RAZÃO DE NOSSA FÉ - p. 35

## TEXTOS BÍBLICOS PARA LEITURA

1. A instituição da páscoa - Êxodo 12.1-28

2. A morte dos primogênitos - Êxodo 12.29-36

3. Aos doze anos Jesus participa da páscoa - Lucas 2.41-52

4. Jesus, o Cordeiro de Deus - João 1.29-31

5. Profecia sobre o sacrifício de Jesus - Isaías 53.1-12

6. A última páscoa e a instituição da ceia do Senhor - Mateus 26.17-30

7. Instrução quanto à celebração da ceia do Senhor - 1 Coríntios 11.17-34